



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

Aparatos sociotécnicos e processos de comunicação mediada: as enchentes do Rio Grande do Sul em 1941 e 2024

Gabriele da Silva Bordin¹

Resumo: Em maio de 2024, jornalistas do Rio Grande do Sul tiveram um desafio incomum: a cobertura de uma catástrofe climática de grandes proporções, uma enchente que acometeu 478 dos 497 municípios². Este momento trouxe à memória outra enchente, 83 anos antes, em 1941. O desafio dos jornalistas de 1941 foi a falta de energia, principalmente, em meio a uma comunicação midiática feita através de jornais impressos e rádio. Em 2024, o desafio foi manter o público informado, levando orientação sem pânico. Em ambos cenários, os aparatos sociotécnicos foram indispensáveis na comunicação mediada, sendo protagonistas desta troca de informação entre mídia, órgãos governamentais e população. Sem eles, a informação não chegaria e a preservação da memória estaria ameaçada.

Palavras-Chave: Jornalismo. Plataformização. Catástrofe climática. Mediações sociotécnicas. Rio Grande do Sul.

Neste trabalho, observamos, através de análise documental, os processos de comunicação midiática de duas enchentes históricas na Região Metropolitana do Rio

¹ Bacharel em Comunicação Social, hab. Jornalismo, pela Universidade Franciscana. Mestranda em Comunicação: Mídias, Mutações Sociosimbólicas e Sociotécnicas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unidade Federal de Santa Maria (Poscom UFSM). E-mail: gabriele.bordin@acad.ufsm.br

² Informação do Boletim - Defesa Civil/RS. Disponível em: sosenchentes.rs.gov.br/situacao-nos-municípios

Grande do Sul, em 1941 e em 2024, a partir da agência dos aparatos sociotécnicos. As tecnologias de mídia disponíveis nos dois períodos são distintas e foram fundamentais para a construção das narrativas possíveis em ambos episódios.

Em 1941, os meios de comunicação midiática disponíveis no Brasil eram os jornais impressos, rádio, cinema e telégrafo. Já em 2024, as plataformas de redes sociais digitais foram agentes fundamentais no processo de comunicação, com ampla difusão e onde são endereçadas grande parte das notícias que alcançam o grande público.

Assim como a comunicação mediada faz-se importante em momentos de catástrofes humanitárias, os aparatos sociotécnicos também são, porquanto são parte desta comunicação. Sendo assim, a discussão acerca da agência destes aparatos, ao estudarmos o campo da comunicação em meio a catástrofes, faz-se fundamental.

Os aparatos sociotécnicos fazem parte, cada dia mais, da comunicação produzida pelos seres humanos. André Lemos (2020, p. 54) ressalta a importância da observância desta agência dos aparatos sociotécnicos:

[...] boa parte dos estudos de comunicação valoriza perspectivas antropocêntricas, relações intersubjetivas, contextuais e transcedentes. Essa postura não seria capaz de abranger toda a complexidade dos fenômenos comunicacionais, em geral, e os da cultura digital, em particular.

Mesmo que falemos sobre a indiscutível presença dos aparatos, é importante deixar claro que o estudo desta agência só é crucial devido à sua função social, como elucidam Santaella e Cardoso (2015, p. 177): “Se há finalidade ou intencionalidade em qualquer agenciamento sociotécnico, ela só pode existir para e no coletivo”.

Sendo assim, podemos compreender que o estudo dos aparatos sociotécnicos, parte dos processos de comunicação mediada, são fundamentais para se entender o



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

todo do objeto, incluindo sua afetação nos indivíduos e, consequentemente, na sociedade e vice-versa.

No período da enchente de 1941, observamos que os veículos de comunicação de massa existentes no Brasil eram o rádio e o jornal impresso. Para a comunicação “um-um”, ou seja, interpessoal, os veículos mais utilizados eram o telégrafo e o telefone. No momento da enchente, um grande desafio encontrado pelos comunicadores da Região Metropolitana foi a falta de energia a partir de determinado período da catástrofe, porque a mesma era fornecida através da Usina do Gasômetro, situada às margens do Rio Guaíba, que inundou a cidade.

Vemos esta e outras limitações em carta contada por uma menina, à época, que viveu o episódio: “A cidade esteve vários dias às escuras, sem água, sem leite, sem jornal, foi mesmo de assustar! [...] Os trens pararam e o telégrafo interrompeu. Estábamos simplesmente isolados do interior. Cinemas, colégios, Faculdade de Medicina e Direito ficaram cheios de flagelados” (Machado, 2024).

Temos mais pistas sobre como foi o período através de relatos jornalísticos: “No momento mais crítico, a cidade ficou sem energia elétrica, água e comunicação, afetando telefonia e telégrafo. Os bondes pararam. Os jornais não circularam. As três rádios ficaram fora do ar. Informações dos problemas no interior do Estado demoravam para chegar” (Staudt, 2024).

São estes alguns dos fragmentos de história que ajudam-nos a entender como foi a catástrofe de 1941 para os atingidos. Assim, percebemos que a inoperância dos aparatos de comunicação debilitou a troca de informações pela sociedade, sendo um complicador da catástrofe jáposta.

Em 2024, a cobertura e a informação em meio à catástrofe do Rio Grande do Sul foi perpassada pela Plataformização, que é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas

digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida (Poell, Nieborg, Van Dijck, 2020, p. 2).

As notícias de veículos jornalísticos, órgãos governamentais, pronunciamentos de autoridades e de instituições à frente de ações sérias de enfrentamento à tragédia se emaranhavam a *fake news*, golpes e os tantos conteúdos em meio à internet. Foi graças a este jornalismo midiatizado que os jornalistas conseguiram produzir notícias ininterruptamente, mesmo com as barreiras físicas, como registram Malinoski, Gonzatto e Lopes (2024, p. 27):

Na segunda-feira, dia 6, pela primeira vez na história a edição impressa de Zero Hora não circularia. A do Correio do Povo também não. As rotativas dos dois jornais foram atingidas. [...] Trabalhando remotamente, repórteres e editores conseguem aprontar a versão digital do jornal com todas as informações sobre a tragédia em curso na Capital.

Os profissionais que podiam utilizarem-se também de veículos de rádio, televisão, jornal impresso e digital, dentre outras formas de veiculação de notícias. Porém, para chegar até maior ou menor parte do público, os profissionais necessitam fazer uso das redes sociais digitais. Esta apropriação das redes sociais pelos jornalistas é fundamental para alcançar e atingir o público. Além do alcance, as plataformas também alertam, validam e autorizam discursos, conforme Santaella e Cardoso (2015, p. 173).

Assim sendo, compreendemos que as plataformas digitais, enquanto aparato sociotécnico, são o local por onde passa a maioria das notícias e informações destinadas ao grande público, fazendo cumprir o papel do jornalismo de informar com qualidade e precisão.

Observando a agência dos aparatos sociotécnicos nas enchentes de 1941 e 2024 em Porto Alegre, constatamos a importância dos veículos de informação. Esta relevância se dá tanto para preservação da memória e resgate de informações, latente



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

ao olharmos para a primeira, quanto, hoje, com o papel de levar informação de prevenção e proteção.

Em 1941, a interrupção dos sistemas de energia, telefonia, telégrafo e imprensa evidenciou que a fragilidade dos aparatos sociotécnicos podia agravar a desinformação e o isolamento em meio a catástrofes. Já em 2024, com um cenário tecnológico completamente modificado e marcado pela plataformação, os desafios são outros: excesso de informações, circulação de *fake news* e sobrecarga dos usuários das redes sociais digitais.

Assim, entendemos que os aparatos sociotécnicos, enquanto constituintes dos processos comunicacionais mediados, são fundamentais para o desempenho destas funções essenciais em meio aos desafios enfrentados pela sociedade, acentuados em momentos extremos, como em meio a catástrofes climáticas.

Referências

LEMOS, André. Epistemologia da Comunicação, Neomaterialismo e Cultura Digital. **GALÁXIA**, São Paulo, n. 43, p. 54-66, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020143970> Acesso em: 20 ago. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformação. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 22 n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01> Acesso em: 20 ago. 2025.

SANTAELLA, Lucia; Cardoso, Tarcisio. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. **MATRIZes**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 167–185, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p167-185> Acesso em: 20 ago. 2025.

MACHADO, Simone. 'Foi assustador': carta de 83 anos detalha estragos da grande enchente de 1941 no Rio Grande do Sul. **BBC News Brasil**, São José do Rio Preto (SP), 18 mai. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2898rxg1j9o>. Acesso em: 22 nov. 2025.

MALINOSKI, André; GONZATTO, Marcelo; LOPES, Rodrigo. **A enchente de 24**. Porto Alegre: BesouroBox, 2024.



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

STAUDT, Leandro. Como ficou Porto Alegre na enchente de 1941. **GZH**, Porto Alegre (RS), 16 mai. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/leandro-staudt/noticia/2024/05/como-ficou-porto-alegre-na-enchente-de-1941-clw9c2q0000m8014ekr0miuln.html>. Acesso em: 22 nov. 2025.